

A Segurança Eterna dos Santos: Uma análise histórico-exegética

*Isaias Lobão Pereira Junior*¹³⁴

Resumo: Este artigo é uma análise histórico-exegética-doutrinária da doutrina da Perseverança dos Santos. Diversos testemunhos históricos, desde os Pais da Igrejas até o período da Reforma foram convocados na argumentação em defesa da doutrina da Segurança Eterna dos Salvos. Além de apresentar uma análise histórico-exegética da famosa passagem de Hebreus 6:4-6.

Palavras-Chave: Perseverança dos Santos. Soteriologia. Exegese. Novo Testamento. Teologia Histórica.

Abstract: This article is a historical-exegetical-doctrinal analysis of the doctrine of the Perseverance of the Saints. Several historical testimonies, from the Church Fathers to the Reformation period, were called upon to argue in defense of the doctrine of the Eternal Security of the Saved. In addition to presenting an exegetical-historical analysis of the famous passage in Hebrews 6:4-6.

Keywords: Perseverance of the Saints. Soteriology. Exegesis. New Testament. Historical Theology.

¹³⁴ Mestre em Teologia pela Faculdade EST. Licenciado em História pela UNB. Especialista em Docência do ensino superior pela FALBE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Cristã Evangélica e pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do norte do Brasil. Atualmente é professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Tocantins. Pesquisador do Grupo de Estudos da Antiguidade Tardia (GAT-UnB). Membro da *World Reformed Fellowship*, da *Society of Biblical Literature* e do Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião. E-mail: isaias@monergismo.com

Introdução

A doutrina da Perseverança dos Santos é um ponto de discordância entre os evangélicos. Através da história da igreja surgiram opiniões divergentes sobre a doutrina da Perseverança dos Santos. Sempre houve aqueles que se perguntavam: Será que o crente que tenha sido genuinamente regenerado permanecerá salvo até o fim. Em outras palavras, aquele que se tornou cristão sempre permanece cristão? E, caso permaneça, em que condições isso acontece? Essa questão tem importância considerável no que se refere à vida cristã prática.

Se, por um lado, não há garantia de que a salvação seja permanente, os crentes podem experimentar uma grande dose de ansiedade e insegurança. Por outro lado, se a salvação é absolutamente segura, se os salvos são preservados independentemente do que fazem ou da vida que levam, pode bem acontecer que, em consequência disso, eles desenvolvam frieza e indiferença para com as exigências morais e espirituais do evangelho.

Como lembra R.C. Sproul, entre os que advogam a possibilidade de os crentes caírem da graça, total e finalmente estão os católicos romanos. Segundo a teologia romana, as pessoas podem perder e perdem sua salvação por cometerem pecado mortal tornando necessário que o pecador seja justificado de novo por meio do sacramento de penitência. Se o pecador não for justificado de novo, ele pode perder sua salvação e ir para o inferno. Muitos semipelagianos também creem que pessoas podem perder sua salvação.¹³⁵

M. James Sawyer resume o entendimento arminiano clássico, ao afirmar que um salvo, pode vir a desviar-se, pois no que se refere à salvação ela é condicional, ou seja, o crente deve manter-se salvo a cada dia, pois a experiência humana prova a possibilidade de uma queda temporária da graça, conhecida por desviar-se. Existe a possibilidade de uma pessoa, por meio do descuido, vir a desviar-se e perder-se eternamente. Sawyer acrescenta dizendo que muitos líderes das antigas denominações *holiness* ensinam o conceito da queda da graça afirmando que quando o crente comete pecado ele perde a justificação, e a santificação, e não é mais santo. Torna-se pecador, se voltar para Deus deve confessar seus erros como qualquer outro pecador.¹³⁶

¹³⁵ SPROUL, R.C., *Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática*, São José dos Campos: Fiel, 2017, pp. 362-363. Edição do Kindle.

¹³⁶ SAWYER, M. James, *Uma introdução à teologia: Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*, São Paulo: Vida Acadêmica, 2009, pp. 401-402.

Os defensores da possibilidade de perda da salvação insistem em dizer que os alertas na Escritura contra a apostasia são reais. Jesus alertou seus discípulos contra o perigo de serem desviados (Mt 24.3-14). Será que Jesus faria tal alerta aos discípulos caso não houvesse possibilidade de caírem e assim perderem a salvação? Em seu sermão publicado “*Pensamentos sérios Sobre a Perseverança dos Santos*”, John Wesley deixa bem claro seu entendimento sobre a possibilidade de o crente cair da graça. Ele declara o seguinte: “os que vivem pela fé no Filho de Deus; os que são santificados pelo sangue da aliança, podem, contudo, cair e perecer eternamente”.¹³⁷ Portanto, àqueles que professaram genuinamente a fé podem se perder.

Por sua vez, aqueles que defendem a doutrina afirmam que a “perseverança dos santos é um dom de Deus, pelo qual os eleitos, que foram justificados e santificados pela graça de Cristo são selados pelo Espírito Santo, de modo que nunca se afastam completamente dessa graça”.¹³⁸

A perseverança do crente depende somente “da imutabilidade do decreto da eleição, o qual provém do livre e imutável amor de Deus Pai”. (CFW, 17.2). A salvação é uma dádiva de Deus. Como diz a Escritura: “Ao SENHOR pertence a salvação” (Jonas 2:9). A dádiva da justiça é concedida pela fé. “O alicerce de Deus não é nada menos do que o decreto de Deus na eleição; e isto é certo: Deus não o modificará e os outros não conseguem fazê-lo”.¹³⁹

A doutrina da Perseverança dos Santos teve inúmeros defensores através da história da igreja. A maioria dos estudiosos calvinistas concordam que a melhor exposição histórica da doutrina ainda é o famoso trabalho de John Gill, *A causa de Deus e da verdade*.¹⁴⁰ Editado em quatro partes entre 1735 a 1738, ele escreveu a obra em resposta ao livro de Daniel Whitby sobre os conhecidos Cinco Pontos do Calvinismo. Segundo McGregor Wright, Gill apresentou “uma cuidadosa

137 BUTNER R.W.; CHILES R.E. Coletânea da Teologia de Wesley. Rio de Janeiro: Colégio Episcopal, 2ª ed., 1995. p. 179.

138 WOLLEBIUS, Johannes, *Compêndio de teologia cristã*, Eusébio, CE: Peregrino, 2020, p. 257.

139 BEEKE, Joel R.; JONES, Mark, *Teologia puritana: doutrina para vida*, São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 862.

140 Estou me servindo da edição, em formato digital, publicada pela Monergism Books. GILL, John. *The case of God and truth*. West Linn, Or: Monergism Books, 2017.

exposição dos versos-chave dando apoio à perseverança”.¹⁴¹ Na primeira parte do livro, Gill analisa mais de 50 passagens bíblicas que fundamentam tal doutrina.

A perseverança ao longo do tempo

O primeiro dos Pais da Igreja referenciados por John Gill foi Clemente de Roma (30-100). Segundo ele, nos escritos de Clemente vemos “claros indícios da firmeza da verdadeira fé, e da perseverança dos santos até ao fim”. Ao dirigir-se aos membros da igreja de Corinto, ele diz *quem habitou entre vós, que não teve uma experiência de, ou provou, a vossa fé todo-poderosa, e firme ou estável?* Ele também observa, *que é a vontade de Deus, que todos aqueles que ele ama devem participar no arrependimento, e assim não perecer com os descrentes e impenitentes, estabelecido pela Sua todo-poderosa vontade.*¹⁴²

O segundo testemunho alistado por John Gill se encontra na Epístola de Barnabé. Escrita em grego, o texto foi preservado no *Codex Sinaiticus*, do século IV d.C., e aparece no final dos livros do Novo Testamento. Ela é tradicionalmente atribuída à Barnabé de Alexandria. O texto combina literatura apocalíptica e a hermenêutica alegórica de Fílon de Alexandria.

Segundo Gill, a doutrina da perseverança final dos santos é referida quando Barnabé escreve, “aquele que espera em Cristo, a rocha firme e sólida, viverá para sempre;” depois repete em resposta a uma pergunta, explicando porque a lâ e a madeira foram usadas nas cerimónias legais: “Porque”, diz ele, “o reino de Jesus depende da árvore (aqui se referindo a cruz), pelo que aqueles que nele têm esperança viverão para sempre”. E noutro lugar, ele cita como ilustração que à direita corria um rio e dele brotaram belas árvores, e quem quer que coma delas viverá para sempre; sobre o qual observa, “isto ele diz, porque descemos à água (referência ao batismo) cheios de pecados e imundície, e saímos dela dando fruto; tendo no coração temor e esperança em Jesus através do Espírito, e quem deles comer viverá para sempre”; conclui afirmando, “quem ouve as coisas que são ditas, e crê, viverá para sempre”.¹⁴³

O bispo de Antioquia da Síria, Inácio (35-107), foi também citado por Gill. Inácio foi discípulo do apóstolo João, também conheceu os apóstolos Paulo e Pedro,

¹⁴¹ WRIGHT, R.K. McGregor, *A soberania banida: redenção para a cultura pós-moderna*, São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 154.

¹⁴² GILL, John. *The cause of God and truth*. West Linn. Or: Monergism Books, 2017, 769.

¹⁴³ *Ibid.* p. 769.

tornando-se sucessor de Pedro na igreja em Antioquia. Inácio foi conduzido à Roma, onde foi condenado à morte.

De acordo com John Gill, Inácio é testemunha do conforto da mensagem da perseverança, quando exorta os santos a "evitar as excrescências malignas que produzem frutos mortais, dos quais quem provar morre; pois não são plantaço do Pai, pois se fossem, os ramos da cruz apareceriam, e os seus frutos seriam incorruptíveis; pelo que através dos seus sofrimentos vos chamou, sendo seus membros, pois a cabeça não pode nascer ou estar sem os membros". E noutra passagem diz: "Nenhum homem, professando fé, vive no pecado; nem ao obter amor, passa a odiar". Inácio ensinava que os que professam serem crentes serão preservados e continuarão cristãos até ao fim. Na Epístola aos Filadélfos, ele escreve que os crentes possuem alegria eterna e permanente; e aqueles que Cristo, segundo a sua própria vontade escolheu, "permanecem firmes, através do seu Espírito Santo".¹⁴⁴

Irineu, bispo de Lyon (130-202), natural da Ásia Menor, provavelmente de Esmirna, o qual como bispo se ocupou de pastorear a igreja e evangelizar os povos celtas; também se preocupava com as heresias que ganhavam importância na região da Gália. Sua obra principal, conhecida como *Contra Heresias* é composta de cinco livros escritos em grego.

Irineu tem várias passagens em seus escritos que favorecem a doutrina da Perseverança dos Santos. Alegorizando a história da esposa de Ló, ele se expressa assim: "A igreja, que é o sal da terra, é deixada nos confins da terra, sofrendo as coisas que são humanas; e embora membros inteiros sejam frequentemente retirados dela, a estátua de sal continua, que é o firmamento da fé, confirmando e enviando os filhos a seu Pai".

Ele fala da graça do amor como uma graça permanente: "O amor", diz, "aperfeiçoa o homem perfeito; e quem ama a Deus é perfeito tanto neste mundo como naquele que há de vir; pois nunca deixamos de amar a Deus, mas quanto mais olhamos para ele, mais o amamos". Irineu também afirma que o Espírito de Deus nunca abandona o homem em quem Ele fixou sua residência; pois, "uma coisa é o fôlego de vida que torna o homem animal, e outra o Espírito vivificador, o que o torna espiritual. Aquilo que é feito é diferente daquele que o faz, portanto, a respiração é temporal, o Espírito eterno. A respiração de fato é vigorosa por um tempo, e permanece algum tempo, após o qual vai embora, deixando-o sem fôlego

¹⁴⁴ *Ibid*, p. 770.

onde estava antes; mas o Espírito envolve o homem por dentro e por fora, como sempre permanecendo, e nunca o deixa”. Irineu, em outra passagem, favorece a doutrina da Perseverança dos Santos; "o Senhor suportou todas essas coisas por nós, para que, por todas as coisas sendo aprendidas em todos, possamos ser cautelosos para o futuro e perseverar em todo amor para ele".¹⁴⁵

O pensamento de Agostinho

Agostinho foi um dos maiores expositores da doutrina cristã. A principal característica do pensamento de Agostinho é a ênfase na supremacia absoluta de Deus e a conseqüente fragilidade e a dependência absoluta da alma humana pela graça divina. Embora Agostinho nunca tenha rejeitado totalmente a capacidade de escolha do ser humano, o teor global de seu pensamento inclui a certeza de que nenhum ato finito das criaturas humanas pode frustrar a perfeita vontade de Deus, pois, Ele sempre consegue impor sua vontade, mesmo quando os seres humanos pecam e realizam ações iníquas.¹⁴⁶

Os ensinamentos de Agostinho a respeito da graça brotaram de sua compreensão da natureza humana. A humanidade é espiritualmente depravada e fraca; apenas Deus pode ajudar o ser humano. A graça é a atividade pessoal de Deus em nos resgatar das garras do pecado. Ele fazia distinção entre três tipos de graça na vida cristã:

1. Graça preveniente, que em primeiro lugar move a vontade em direção a Deus.
2. Graça cooperante, que opera naquelas vontades que Deus move.
3. Graça perseverante, que mantém o cristão seguro na salvação.¹⁴⁷

Embora a salvação envolva genuína resposta humana à graça mediada pelos sacramentos, arrependimento e pela fé, sua última base é apenas o beneplácito de Deus. A doutrina de Agostinho foi ratificada pelo Concílio de Orange em 529, e

¹⁴⁵ *Ibid.* p. 770-771.

¹⁴⁶ OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001, p. 260.

¹⁴⁷ KEELEY, Robin (org.). *Fundamentos da teologia cristã*, São Paulo: Vida, 2002, p. 297-298.

retomada, com ênfases distintas, posteriormente, por pensadores como Tomás de Aquino, Gregório de Rimini, Martinho Lutero e João Calvino.

Porém, em relação ao ensino da doutrina da Perseverança dos Santos, Agostinho foi merecedor de críticas. Berkhof destaca, “quem primeiro ensinou explicitamente esta doutrina foi Agostinho, embora não fosse coerente neste ponto, como se poderia esperar dele, um rigoroso predestinacionista”.¹⁴⁸ Agostinho “sustentava que os eleitos não podem cair de modo que se percam definitivamente, mas, ao mesmo tempo, achava possível que alguns que foram revestidos da nova vida e da fé verdadeira possam cair completamente da graça e, por fim, sofrer a condenação eterna”.¹⁴⁹

O Tratado de Agostinho sobre o Dom da Perseverança¹⁵⁰ foi escrito em 428 ou 429, no contexto das controvérsias com Pelágio quanto as questões da graça, pecado original e predestinação. De acordo com John Jefferson Davis, a doutrina da soberania absoluta de Deus na eleição é base para compreensão dos escritos agostinianos quanto a perseverança final. A graça de Deus “a qual inicia a fé do homem e que o capacita para perseverar até o fim, não é dada por conta dos nossos méritos, mas é dada consoante à Sua mais secreta e ao mesmo tempo mais justa, sábia e beneficente vontade; desde que aqueles que Ele predestinou, a eles também chamou, com aquele chamado do qual se diz, “os dons e o chamado de Deus são sem arrependimento”.¹⁵¹

Agostinho afirma a graça de Deus como a base elementar para a perseverança do crente: “Eu afirmo... que a perseverança pelo qual nós perseveramos em Cristo até o fim é dom de Deus.” Do ponto de vista humano é inescrutável a razão de que a dois homens piedosos, é dado a um deles a graça de perseverar até o fim e ao outro não. Da perspectiva divina pode ser o caso que o indivíduo que persevera está entre os predestinados, enquanto o outro não está. Aquele que falha em perseverar, não foi chamado segundo o plano de Deus, e nem escolhido em Cristo de acordo com o propósito de Deus.¹⁵²

Portanto, há um consenso para Agostinho que o eleito de Deus irá certamente perseverar até o fim e obter a salvação eterna. No entanto, diferentemente de

¹⁴⁸ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3ª. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 501.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 501.

¹⁵⁰ AGOSTINHO, Santo, *A Graça (II)*, São Paulo: Paulus, 1999.

¹⁵¹ DAVIS, John Jefferson, The Perseverance of the Saints: A History of the Doctrine, *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 34/2, n. June, 1991, p. 214.

¹⁵² *Ibid.*

Calvino e daqueles da tradição Reformada posterior, Agostinho não acredita que o Cristão possa nesta vida saber com infalível certeza se ele na verdade está entre os eleitos e se ele irá perseverar. De acordo com Agostinho “enquanto nesta vida, é incerto se alguém recebeu esse dom”.¹⁵³ A vida do crente neste mundo é um estado de provação, e aquele que está de pé deve cuidar para que não caia. É possível experimentar o renovo da regeneração batismal, e a graça justificadora de Deus e não perseverar até o fim. O reconhecimento dessa possibilidade deveria fazer a confissão de fé do crente “humilde e submissa” e levar a contínua dependência da graça de Deus.¹⁵⁴

A compreensão de Agostinho sobre a perseverança, reflete então a compreensão dele sobre a eterna predestinação de Deus, das passagens de advertência dirigidas aos crentes no Novo Testamento, e a sua teologia sacramental da graça e regeneração batismal. Ele sustentou que o eleito de Deus com certeza irá perseverar, mas que um eleito não poderia infalivelmente saber nesta vida – e que na verdade, a justificação e regeneração de alguém poderia ser rejeitada e perdida por meio do pecado e incredulidade. O entendimento de Agostinho estabeleceu parâmetros para Tomás de Aquino, para o Concílio de Trento e para a tradição católico-romana até os dias atuais.¹⁵⁵

Na opinião de Berkhof, a igreja de Roma, enredada pelo semipelagianismo, “negava a doutrina da perseverança dos santos e colocava a perseverança destes na dependência da incerta obediência do homem”.¹⁵⁶

Os reformadores

Segundo Berkhof, os reformadores foram mais precisos na defesa da doutrina. Segundo ele, “os Reformadores restabeleceram esta doutrina, colocando-a no seu devido lugar”.¹⁵⁷ João Calvino afirmava que se a eleição for incondicional, então a perseverança logicamente seguiria por via de regra. A nível pastoral, a posição de Calvino não difere grandemente daquela de Lutero. O crente deve continuamente exercer a fé e a obediência para garantir sua vocação e eleição.

¹⁵³ AGOSTINHO, *A Graça (II)*, p. 172.

¹⁵⁴ *Ibid*, p. 188.

¹⁵⁵ DAVIS, *The Perseverance of the Saints: A History of the Doctrine*, p. 215.

¹⁵⁶ *Ibid*, p. 501.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 501.

No entanto, Martinho Lutero acreditava que o cristão poderia ter certeza concernente ao presente estado da graça, mas não concernente à perseverança final. Como a tradição Católica Romana que o precedeu, e a tradição Wesleyana que o sucedeu, Lutero não via a regeneração como inextricavelmente ligada a salvação final. A tradição Calvinista entendeu que a eleição era incondicional, regeneração permanente e a certeza da salvação como uma genuína possibilidade para o crente.¹⁵⁸

O Sínodo de Dort e o arminianismo

O Sínodo de Dort foi um conselho nacional que ocorreu entre 1618 e 1619 na cidade de Dordrecht, nos Países Baixos. A Igreja Reformada realizou a reunião para discutir uma questão muito importante: Os ensinamentos de Jacobus Armínio e a ascensão do arminianismo. A primeira reunião foi em 13 de novembro de 1618, e a última reunião, que foi no dia 154, ocorreu em 9 de maio de 1619. Membros das igrejas reformadas em oito países diferentes também foram convidados para esta reunião.

Os seguidores de Armínio publicaram um documento, chamado *Remonstrance*. No documento e em alguns escritos posteriores, os arminianos propuseram uma visão alternativa à Confissão Belga, um dos Símbolos de Fé da Igreja Reformada nos Países Baixos. “O partido arminiano insistia que os símbolos oficiais de doutrina das Igrejas da Holanda (*Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg*) fossem mudados para se conformar com os pontos de vista doutrinários contidos no Protesto”.¹⁵⁹

Tradicionalmente, o arminianismo ensina a possibilidade de cair da graça. John Wesley (1703-1791), o fundador do Metodismo, em 1751, defendeu sua posição em uma obra intitulada "Pensamentos Sérios Sobre a Perseverança dos Santos".¹⁶⁰ Nele, ele argumentou que um crente permanece em uma relação salvadora com Deus se ele "continuar na fé" ou "suportar a fé até o fim". Wesley afirmou que um filho de Deus, "enquanto ele continua um verdadeiro crente, não pode ir para o inferno". No entanto, se ele faz um "naufrágio da fé, então um homem que acredita agora pode ser um incrédulo algum tempo depois" e se tornar "um filho

¹⁵⁸ DAVIS, The Perseverance of the Saints: A History of the Doctrine, p. 227-228.

¹⁵⁹ STEELE, DAVID N; THOMAS, CURTIS c., **The five points of calvinism: defined, defended, documented**, Updated an. Phillipsburg, NJ: P & R Publishing, 2004, p. 12.

¹⁶⁰ WESLEY, John, **Serious thoughts upon the perseverance of the saints**. AGES Digital Library, "The Wesleyan Heritage Collection," The Works of John Wesley Vol. 10, p. 297-298.

do diabo". Ele então acrescenta: "Deus é o Pai deles que acreditam, desde que acreditem. Mas o diabo é o pai deles que não acreditam, se eles acreditaram ou não."

Como seus antecessores arminianos, Wesley estava convencido do testemunho das Escrituras de que um verdadeiro crente pode abandonar a fé e o caminho da justiça e perder sua salvação.

A queda dos santos

Um dos textos mais invocados para combater a doutrina da Perseverança dos Santos é o texto bíblico de Hebreus 6.4-6. "É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia".

Antes de interpretar o texto, é preciso perguntar. A quem o autor aos Hebreus está se referindo? O que significa dizer os que uma vez foram iluminadas, provaram do dom celestial, se tornaram participantes do Espírito Santo, provaram da boa Palavra de Deus e dos poderes do século futuro, e então caíram? A descrição é, ao que parece, de pessoas genuinamente salvas que abandonaram a fé e, portanto, perderam a salvação.

Por causa da complexidade do assunto e do material nessa passagem, porém, surgiram várias interpretações, conforme exemplarmente resumidas por Millard Erickson¹⁶¹:

1. O autor tem em mente pessoas genuinamente salvas que perderam a salvação. Deve-se notar que uma vez perdida a salvação, não há meio de obtê-la novamente. Se há um item inequívoco nessa passagem, é a impossibilidade de renová-los para a salvação (v. 4a), um ponto que muitos não levam em consideração.
2. As pessoas em vista nunca foram regeneradas. Elas apenas provaram a verdade e a vida, só foram expostas à palavra de Deus, mas não

¹⁶¹ MILLARD, Erickson J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 427.

experimentaram plenamente essas dádivas celestiais. Elas de fato apostataram das proximidades da verdade espiritual, não de seu centro.

3. As pessoas em questão são genuína e permanentemente salvas, não estão perdidas. A salvação delas é real, a apostasia, hipotética. Ou seja, a frase condicional não ocorre de fato. O autor só está descrevendo o que aconteceria se o eleito viesse a cair (uma impossibilidade).

O principal propósito do autor da Epístola aos Hebreus é explorar profundamente agora o significado do sacerdócio de Cristo. Com base nisso, fica claro que o problema que Hebreus está tentando resolver é o da inatividade, da falta de perseverança, do embotamento e da imaturidade espiritual. E esse tipo de atitude, por insignificante que pareça, caso a pessoa insista nela, lentamente, quase imperceptivelmente, se afasta e é conduzida finalmente a romper com a fé em Cristo.

A descrição dos “caídos” parece ser um retrato de todos os verdadeiros cristãos. Todavia, um olhar mais atento pode esclarecer esta questão. Eles uma vez foram iluminados (v. 4), uma expressão que pode significar a capacidade dada por Deus para entender e responder de forma positiva à mensagem do evangelho. São também os que provaram o dom celestial (v. 4). Ou seja, conheceram Cristo. Além disso, é dito que se tornaram participantes do Espírito Santo (v. 4). Essa tradução destaca o fato de que esses leitores podem ter sido receptores do Espírito Santo assim como o foram os discípulos de Jesus quando ele soprou sobre eles o Espírito (Jo 20.22), ou os samaritanos quando os apóstolos colocaram as mãos sobre eles (At 8.17), receptores da essência da vida cristã (Rm 8.9b). Finalmente, são pessoas que experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir (v. 5). Experimentaram energias sobrenaturais resultantes da obra de Cristo que são claras manifestações da proximidade (ou presença) da era messiânica.¹⁶²

E necessário destacar, no entanto, que essas expressões descritivas são suscetíveis a mais do que uma interpretação, e no seu sentido não tão “definitivo”, podem bem ser aplicadas tanto a cristãos “professos” quanto a crentes “genuínos”. “Iluminados” (v. 4) é um termo aplicado por Justino Mártir aos batizados — os que haviam dado consentimento à verdade do catecismo cristão por meio de sua sujeição ao batismo. É possível, então, que o autor de Hebreus tenha usado a palavra nesse sentido. Ao menos a Peshita (uma tradução siríaca do século IV) entende a palavra assim, substituindo “iluminados” por “que desceram ao batismo”. Além disso,

¹⁶² BRUCE, F.F. (Org.), *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*, São Paulo: Vida Acadêmica, 2009, p. 2106-2108.

diversos intérpretes entendem que a expressão “provaram o dom celestial” (v. 4) significa a participação na ceia do Senhor. (At 20.11 em grego, em que “provar” é usado a propósito de comer o pão da eucaristia). A expressão “participantes do Espírito Santo” (v. 4) pode ter o significado menos definitivo de “parceiros juntamente com” o Espírito Santo (cf. 2.14; 3.1,14; 12.8). E as últimas duas expressões (v. 5) podem significar que esses viram o poder criativo do evangelho pregado e até realizaram milagres, como Judas Iscariotes).¹⁶³

Pode-se resumir então, o autor da Epístola aos Hebreus, ao compor uma lista como essa, pode ter tido em mente descrever alguém que tem todos os sinais distintivos do cristianismo, e que mesmo assim não é um verdadeiro cristão. Louis Berkhof é peremptório em afirmar que ainda que exista algum registro na Escritura de diversos casos de apostasia concretizada, estes exemplos não provam a alegação de que os crentes verdadeiros, de posse da verdadeira fé salvadora, podem cair da graça, a não ser que se demonstre primeiro que as pessoas indicadas nestas passagens tinham a verdadeira fé em Cristo, e não uma simples fé temporal, não arraigada na regeneração. De alguns deles diz João: “Eles saíram do nosso meio”, e, à guisa de explicação, acrescenta: “entretanto, não eram dos nossos: porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco”, 1 Jo 2.19.¹⁶⁴

A doutrina da perseverança dos santos segundo John Owen

Segundo R.K. McGregor Wright¹⁶⁵, a obra de John Owen, *Explicação e comprovação da doutrina da perseverança dos santos*, publicada na Inglaterra em 1654, permanece como a maior exposição e defesa da doutrina. A maior parte do livro, cerca de 600 páginas, é uma resposta aos argumentos arminianos de John Goodwin, um dos poucos arminianos puritanos.

John Owen (1616-1683) foi um dos maiores teólogos puritanos. Educado na Universidade de Oxford, se tornou um ardoroso defensor da posição puritana congregacional e se tornou seu principal expositor. Escreveu sobre os principais tópicos da teologia reformada, a redenção particular, a eleição, a perseverança dos santos, sobre a busca da santificação, a doutrina da trindade e da cristologia, além

¹⁶³ *Ibid*, p. 2106-2108.

¹⁶⁴ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3ª. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 504.

¹⁶⁵ WRIGHT, R.K. McGregor, *A soberania banida: redenção para a cultura pós-moderna*, São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 154-155.

de livros sobre o governo da igreja. Na opinião do Rev. Peter Toon (1939-2009), PhD pela Universidade de Oxford e ministro anglicano, “embora ele (Owen) tenha grande profundidade de entendimento como escritor, seu estilo é pesado e seus pensamentos são complexos”.¹⁶⁶ Por isso, hoje em dia são publicados resumos e comentários de sua obra, na tentativa de atualizar seu estilo árido.

A defesa da perseverança por Owen foi uma resposta a um tratado escrito por John Goodwin (1594-1665) e intitulado *Redenção redimida* (1651), em que Goodwin negava que Deus assegura a permanência da fé num crente. A refutação de Goodwin por Owen é útil para entender como os puritanos lidavam com objeções arminianas à posição reformada. Owen respondeu às três objeções principais que Goodwin levantou contra a doutrina da perseverança, pois acreditava que deixar sem resposta essas objeções iria, em última instância, minar as doutrinas da graça.¹⁶⁷

Primeira objeção: a realidade da apostasia¹⁶⁸

John Goodwin insistia que passagens como Hebreus 6.1-8 e 10.26-39 ensinavam a possibilidade de um crente cair da graça. Ele afirmava que isso era confirmado pelo grande número de frequentadores de igreja que no passado eram zelosos, mas então se tornaram indiferentes.

Owen não negou a existência daqueles que abandonavam a fé e da existência dos apóstatas. Mas propôs que o erro de Goodwin, como o de todos os arminianos, era supor que todos os que professam fé em Cristo são crentes verdadeiros. Com extremo detalhe, Owen examinou passagens bíblicas que descrevem pessoas que caíram da fé, concluindo que jamais foram crentes verdadeiros. Owen afirmou que esses apóstatas haviam experimentado apenas uma “santidade temporária” que não transformou sua natureza.

Antes de declarar sua própria posição, mediante exegese de Filipenses 1.6, I Pedro 1.5 e João 10.27-29, Owen estabeleceu um fundamento bíblico para a perseverança. Ele apresentou, então, o seguinte silogismo para responder às objeções de Goodwin:

¹⁶⁶ ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 73.

¹⁶⁷ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *Teologia puritana: doutrina para vida*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 857.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 857-862. Os trechos dessa seção foram adaptados da obra de Beeke e Jones.

1. Os eleitos não podem cair (Jo 10.27-29 etc.).
2. Alguns que professam crer caem da fé.
3. Por esse motivo, os que professam e caem não são crentes eleitos.

Em seguida, Owen explicou a doutrina da perseverança em relação a três forças poderosas. (1) A natureza imutável de Deus, bem como de suas promessas e de seus propósitos eternos, os quais se estendem ao amor e à aliança com que Deus elege. (2) A natureza da própria graça, que nas Escrituras sempre triunfa. Visto que a graça persevera, o próprio Deus também persevera junto com o crente, tornando a graça um poder conquistador e Cristo um rei conquistador. O Espírito Santo assegura a perseverança deles, pois ao cumprir a aliança da graça, o Consolador habitará para sempre com os eleitos (Jo 14.16). (3) A unidade integral do plano de salvação. Se o resultado da atividade salvadora de Deus no crente é passível de questionamento, todo o empreendimento da salvação está fadado a falhar. Se o Espírito Santo não guarda os crentes na graça, ele também não poderá chamá-los, regenerá-los, santificá-los e dar-lhes segurança, pois todas essas operações estão indissolúvelmente ligadas.

Segunda objeção: a responsabilidade humana

O segundo argumento de Goodwin contra a perseverança se baseia em passagens bíblicas que instam os cristãos a permanecer no estado da graça. Goodwin afirmou que tais textos provam que a perseverança é responsabilidade exclusiva do crente. A resposta de Owen foi que Goodwin deixou de ver que obrigação não implica capacidade. Em outras palavras, os pecadores são obrigados a se arrepender e a crer, mas isso não prova que possuam o poder para fazê-lo. De modo análogo. Deus ordena que seus santos empreguem os meios de graça e perseverem na fé, mas isso não significa que consigam fazê-lo por sua própria força. Sem dúvida eles precisam se esforçar por entrar pela porta estreita. Os crentes desenvolvem sua salvação com temor e tremor, não por causa de dúvida ou incerteza, mas com um temor santo, pois sabem que o próprio Deus está operando neles tanto o querer quanto o realizar (Fp 2.12,13).

Terceira objeção: o perigo do antinomianismo

John Goodwin afirmou que o ensino disseminado da doutrina da perseverança daria origem ao antinomianismo e ao desprezo pelo código moral das Escrituras. Também afirmou que a perseverança minimiza a importância das exortações e dos mandamentos de Deus. Ele escreveu: “Se é absolutamente certo que Deus preservará seu povo da apostasia e pretende fazê-lo, por que, então, ele lhes pede que se esforcem e usem os meios de graça? Essa doutrina esvazia todas as ordens de Deus de qualquer sentido”?

No que diz respeito ao antinomianismo em essência, a resposta de Owen a Goodwin era simples: Deus preserva seus santos em santidade. Cristo salva seu povo de seus pecados e não em seus pecados. A justificação é inseparável da santificação; a reconciliação com Deus anda de mãos dadas com a regeneração, a qual necessariamente resulta numa nova vida. Em vez de promover uma vida imoral, a perseverança promete a certeza de salvação eterna pelo único caminho que levará o crente ao céu: a estrada da santidade.

Decorre daí que a atividade soberana de Deus não nega nem os meios de graça nem sua eficácia. Deus criou o universo para funcionar de acordo com a lei de causa e efeito. Como consequência, ninguém tem desculpa para desobedecer aos imperativos morais de Deus. Owen explicou: “Também poderíamos sustentar que não é necessário respirarmos porque Deus nos dá o fôlego ou que Ezequias não precisava mais comer nem beber porque Deus havia prometido que ele haveria de viver mais quinze anos [...] A graça não anula nossa responsabilidade, mas nos dá condições de cumpri-la; não nos desobriga de nenhum dever, mas nos capacita para a sua execução”.¹⁶⁹

Considerações finais

Muitos crentes modernos ainda não compreenderam a doutrina da Perseverança dos Santos. Existem duas tendências perniciosas que continuam assolando a fé cristã. Uma delas é associar a salvação com a exigência de regras e leis. Isto é chamado de legalismo. Os legalistas não acreditam que somente um relacionamento pessoal e profundo com Cristo é suficiente para satisfazer a Deus. Eles acrescentam regras e deveres para os verdadeiros crentes. Regras sobre o comer, o beber, o vestir e a aparência em geral.

¹⁶⁹ *Ibid*, p. 862.

A outra tendência é a licenciosidade. O desprezo pelo padrão de santidade exigida por Deus para seu povo. É também conhecido como antinomianismo, que significa literalmente ser contra a lei. O principal erro dos libertinos é confiar no ensino da “livre graça” como direito de continuar no pecado. Eles buscam satisfazer os seus interesses, desejos e valores.

Muitos evangélicos no Brasil ainda respeitam regras denominacionais tais como: tamanho e forma de roupas, proibição de diversões como ir à praia, frequentar piscinas, jogar futebol e assistir televisão. Sem perceber, os legalistas se escondem por detrás de seus esforços religiosos e constroem para si castelos de arrogância. Essas fortalezas do engano, com aparência de piedade, conduzem o penitente ao orgulho. O legalismo é uma forma de manipulação e não estabelece um relacionamento transformador com Deus. É obra humana e se fundamenta na blasfema noção que o ser humano pode agradar a Deus com suas penitências e campanhas de fé, enquanto isso o evangelho da graça nos foi dado por Deus e não exige nenhum esforço da parte do ser humano para que este alcance a salvação. O legalismo enfatiza o que o homem faz por Deus, enquanto o evangelho da graça ensina que Deus fez tudo pelo ser humano para salvá-lo.

O antinomianismo é outra forma de abusar da graça. Ele se manifestou na igreja em diferentes maneiras. No abuso de autoridade dos papas medievais, que mantinham relacionamentos com meretrizes, apoiados por súcias de malfeitores, incluindo prelados gananciosos e promíscuos que se esgueiravam pelas ruelas das cidades atrás de bordéis, bem como reis gananciosos com interesses no poder temporal que sustentavam a opulência da igreja e fiéis subjugados pelo sistema sacramental romano.

Na época da Reforma, Calvino enfrentou o partido dos libertinos em Genebra os quais abusaram da graça quando abandonaram seus votos matrimoniais usando a expressão “comunhão dos santos” para sustentar a horrenda prática de troca de esposas. Além disso alguns dos libertinos tomaram de assalto a Igreja de Genebra e queriam participar da Ceia do Senhor, para isso eles desembainharam suas espadas. Calvino os enfrentou com a Palavra de Deus. Foi para frente da mesa da comunhão e afirmou que não dividiria o Corpo de Cristo com insolentes. Diante da coragem de Calvino, os libertinos abandonaram a igreja.

O apóstolo Paulo combateu o ensino dos libertinos. Para o apóstolo é uma perversão da graça, argumentar que a graça resulta em liberdade e aumenta quando o pecado cresce, e que as pessoas deviam continuar a pecar para que a

graça pudesse predominar. Veja o que está escrito na Palavra de Deus: *Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?*

O ensino apostólico é claro. Aqueles que foram justificados por Cristo morreram para o poder do pecado, que agora não tem mais poder para escravizá-los. É responsabilidade de todo cristão viver de modo digno de sua nova posição.

A verdadeira doutrina da perseverança dos santos capacita a igreja a andar corretamente. Temendo o pecado e confiando no poder de Deus.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *A Graça (II)*. São Paulo: Paulus, 1999.

BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *Teologia puritana: doutrina para vida*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3a. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BRUCE, F.F. (Org.). *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

DAVIS, John Jefferson. *The Perseverance of the saints: A history of the doctrine*. Journal of the Evangelical Theological Society, v. 34/2, n. June, 1991. Disponível em: <https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/34/34-2/34-2-pp213-228_JETS.pdf>.

ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GILL, John. *The cause of God and truth*. West Linn, Or: Monergism Books, 2017.

MILLARD, Erickson J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

SPROUL, R.C. *Somos todos teólogos: Uma introdução à teologia sistemática*. São José dos Campos: Fiel, 2017.

STEELE, DAVID N; THOMAS, CURTIS c. *The five points of calvinism: defined, defended, documented*. Updated an. Phillipsburg, NJ: P & R Publishing, 1978.

WOLLEBIUS, Johannes. *Compêndio de teologia cristã*. Eusébio, CE: Peregrino, 2020.

WRIGHT, R.K. McGregor. *A soberania banida: Redenção para a cultura pós-moderna*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.